

TERMO DE APROVAÇÃO

DAVI BARBETTA DUARTE

ADAM SMITH E A NOVA ABORDAGEM SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA MORAL E ECONOMIA POLÍTICA

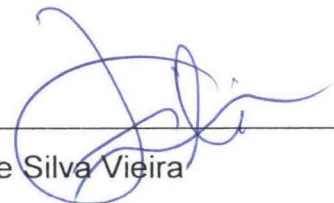
Trabalho apresentado como requisito básico para o título de Bacharel em Ciências Econômicas, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Dr. Marco Antônio Ribas Cavaliere
Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal, UFPR



Prof. Adilson Antônio Volpi
Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal, UFPR



Prof. Dr. José Guilherme Silva Vieira
Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal, UFPR

Curitiba, 20 de dezembro de 2013.

ADAM SMITH E A NOVA ABORDAGEM SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA MORAL E ECONOMIA POLÍTICA

Davi Barbeta Duarte¹

Marco Antônio Ribas Cavalieri²

RESUMO

Nos últimos anos, a relação entre ética e economia estão cada vez mais presentes nos debates. Devido a esse clamor, este artigo pretende discutir a nova abordagem sobre a relação entre filosofia moral e economia política em Adam Smith. Uma nova compreensão do pensamento vem crescendo ao longo das últimas décadas, buscando enfatizar o entrelaço entre as obras do autor através de uma análise histórica que busca em seu contexto: o Renascimento anterior e Iluminismo escocês e também na vida e obra do autor. Demonstrando que a teoria econômica evoluiu nos duzentos anos de debate, mas que com seu afastamento da ética perdeu-se muito.

Palavras chave: *Adam Smith; Ética; Economia Política; Filosofia Moral; Hugo Cerqueira; Ângela Ganem.*

¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: Davi.bd89@gmail.com

² Doutor em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto I na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: Cavaga@uol.com.br

ABSTRACT

In the last years, the relationship between ethics and economics are increasingly present in the debates. Because of this clamor, this article discusses a new approach to the relationship between moral philosophy and political economy in Adam Smith. A new understanding of thought has been growing over the last few decades, seeking to emphasize the link between the author's works through a historical analysis that in its context: the preceding Renaissance and Scottish Enlightenment and in the life and work of the author. Demonstrating that economic theory has evolved over two hundred years of debate, but with his departing from the ethical, economic theory lost much.

Palavras chave: *Adam Smith; Ethic; Political Economy; Moral philosophy; Hugo Cerqueira; Ângela Ganem.*

1 INTRODUÇÃO

Até hoje, no entanto, se caminha no sentido de se achar uma articulação mais clara entre *A Teoria dos Sentimentos Morais* e *A Riqueza das Nações*. Que sorte de relação seria essa? O que significa estabelecê-la? Que consequências essa relação traz para o entendimento da natureza da economia? Afinal Adam Smith é o primeiro autor a recortar o espaço disciplinar ou foi o autor que abriu as possibilidades concretas para se conciliar ética, economia e política? (GANEM, 2002, p. 105)

Desde a publicação de *A Riqueza das Nações* em 1776, Adam Smith inaugurou o debate sobre economia política e filosofia moral, em que se criou o acirrado debate chamado *Das Adam Smith Problem*. Esse nome foi dado pela escola histórica alemã para o possível conflito entre as duas obras de Adam Smith: *A Riqueza das Nações* e *A Teoria dos Sentimentos Morais*.

Esse possível conflito também foi a inauguração do rompimento entre a economia e a ética. A partir das interpretações que os contemporâneos de Smith, da escola clássica e posteriormente neoclássica fizeram, a economia passou a se afastar da ética e criando um abismo entre ambas. Esse artigo pretende incrementar o debate e por fim demonstrar que esse afastamento entre ética e economia foi prejudicial para o mundo, para a economia e consequentemente para nós.

Além desta introdução, é feita na segunda parte uma análise histórica da vida e obra do autor, enfatizando contexto histórico em que Adam Smith viveu, bem como sua singular personalidade e vida. A partir ideia de sistematização racional da ciência de Newton, Smith trouxe a mesma perspectiva para o âmbito social. Buscando também a partir do conceito de *simpatia* nos iluministas escoceses, Smith elaborou profundamente esse conceito. Influenciaram também os conhecimentos de Quesnay, o mais importante pensador fisiocrata francês, bem como muitos outros pensadores extremamente influentes.

Na terceira seção, é feita uma exposição histórica detalhada do *Das Adam Smith Problem*, desde o começo histórico do debate. De um lado, com a escola histórica alemã e sua tese de ruptura até chegar a Dumont o qual afirma que Smith passa de filósofo/teólogo para economista, ou seja, demonstra um caráter evolutivo

no pensamento e obra. Já do outro lado, há uma resistência crítica que se divide em três momentos. O primeiro, por volta de 1890, foi a reação à ruptura da escola histórica baseando-se em fatos e declarações de Smith, o segundo com Morrow, que defendia que o auto interesse pode ser definido como virtude moral. Por fim, o terceiro momento como momento mais lúcido da resistência e tendo seu autor principal Jean Pierre Dupuy.

A quarta seção desse artigo irá expor a tese de união da obra de Ângela Ganem, em consonância com a obra de Dupuy. A autora explora o conceito de onde *simpatia* como ponto-chave, em que defende-se não ser um sentimento egoísta mas a identificação do espectador com as virtudes, dores ou alegrias do ator e assim também do espectador, através da imaginação coloca sobre si esses sentimentos. Por último a autora trata da adequação, conceito essencial na compreensão da sociedade moralmente inferior tratada na *Riqueza das Nações*. A quinta parte, é feita a exposição do panorama da atual discussão na abordagem de Hugo Cerqueira. E por fim, se faz a crítica à economia convencional que utiliza uma leitura “seleta” e tendenciosa dos textos de Smith, alicerçado na obra de Amartia Sen. Na sexta e última seção é feita uma síntese com as principais conclusões.

2 ADAM SMITH: VIDA E OBRA

Adam Smith nasceu no ano de 1723 em Kirkcaldy, uma pequena cidade portuária ao norte de Edimburgo, Escócia. Seu pai era um inspetor aduaneiro convicto do mercantilismo e faleceu antes do nascimento de seu filho. Smith morou com a mãe, Margaret Douglas Smith, no começo de sua vida, estudou em uma escola local. Prosseguiu seus estudos na Glasgow College aos quatorze anos de idade posteriormente se dirigiu a Oxford para estudar ciência moral e política e linguas na Balliol College, ficou por seis anos e não teve boas experiências com seus professores. Mais explicitamente, Smith passou esses anos com pouco ensino ou orientação por parte dos seus professores se desviando para várias áreas do conhecimento. Se refugiou na biblioteca da faculdade de Balliol, ligada à Universidade de Oxford, lendo os principais clássicos da literatura científica, incluindo as obras de Newton, Bacon e Descartes (FEIJÓ, 2001, p. 120). Este foi o tempo da revolução

científica, ligado principalmente a Isaac Newton e ao iluminismo, este que se ergue basicamente em dois pilares: a habilidade do raciocínio das pessoas e o conceito de ordem natural (BRUE, 2011, p. 64). A sistematização racional da ciência trouxe avanços em muitas áreas do conhecimento e Smith utilizou exaustivamente este método:

Em suma o método comum em Newton e Smith pode ser sintetizado da seguinte forma: começa-se com um princípio, ou poucos princípios básicos, que são inferidos no processo de explicação de casos mais ou menos triviais. Em seguida, tenta-se explicar o mundo dos fatos observáveis, buscando-se mostrar como esses fatos são derivados daqueles princípios. Os eventos são classificados (na *Riqueza das Nações* as várias formas de remuneração dos agentes são classificadas em salários, lucro e renda) e as classes de eventos são vistas como resultado do jogo desses princípios. A teoria procura elaborar um sistema no interior do qual operam os princípios elementares, de tal forma que fenômenos que pareciam os mais inexplicáveis são todos deduzidos com base nos princípios e atados a uma única cadeia. A teoria é julgada pelo poder preditivo, mas conta também elementos estéticos tais como simplicidade, coerência e beleza. (FEIJÓ, 2001 p. 124)

Repreendido por ser encontrado com a obra *A Treatise of Human Nature* de David Hume, considerada como uma leitura não apropriada pela igreja anglicana, que fundou e exercia grande influência sobre a universidade, volta a Escócia e por um período passa a lecionar literatura na Universidade de Edimburgo, logo depois é selecionado para a Universidade de Glasgow e se torna professor da cadeira de lógica. Em 1751, muda para a cadeira de filosofia moral que comportava o estudo da ética, da jurisprudência, da economia política e da teologia natural, que busca estudar as leis naturais que regem o caos do universo, onde ficou por doze anos. Em 1759, já lecionando filosofia moral, publica a sua doutrina sobre a ética na obra intitulada *Teoria dos Sentimentos Morais*, uma obra hoje em grande parte esquecida e basicamente anterior ao seu interesse pela economia política (GALBRAITH, 1989, p. 55).

Nesse momento é necessário salientar que Smith critica a instituição religiosa anglicana, que era extremamente influente em todo o território do império britânico e sobre o qual Smith foi instruído em seus valores. Contudo, apesar de Smith criticar a instituição religiosa, em momento algum o autor nega os valores da Divindade. Na verdade, Smith era um religioso e seu pensamento trazia Deus como o grande regente

do universo. Devido a isso, os valores éticos tratados nesse artigo são valores da ética protestante, que Smith foi instruído e partilhava.

Do ponto de vista filosófico, a *Teoria dos Sentimentos Morais*, é a obra-prima do autor, pois constitui um livro denso e profundo, em que Smith trata conceitos e ideias extremamente abstratas, que vão surgindo de uma maneira quase caótica. Smith busca responder como o homem, indivíduo ou espécie, chegou a ser o que é e como foram sendo construído os valores morais da sociedade. Para ele, nossas percepções morais são representadas primeiramente pelas ações dos outros, que nós julgamos segundo a nossa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, ou então de simpatizar com elas. Depois, explana os juízos morais acerca da nossa própria conduta que consistem em aplicações de julgamentos da conduta dos outros, em seguida são elevados por nós a deveres.

O conceito de simpatia:

Piedade e compaixão são palavras que com propriedade denotam nossa solidariedade pelo sofrimento alheio. Simpatia, embora talvez originalmente sua significação fosse a mesma, pode agora ser usada, sem grande impropriedade, para denotar nossa solidariedade com qualquer paixão. (SMITH, 2002, p. 8)

Sobre as paixões, são elas de diferentes estilos podendo ser as que se originam do corpo, que se originam de um pendor ou hábito particular da imaginação, paixões insociáveis, paixões sociáveis e paixões egoístas. Se forem analisadas cada tipo de Paixão, sobre a decência ou indecência de cada uma delas, serão consideradas na proporção exata da maior ou menor disposição da humanidade em simpatizar com elas (SMITH, 2002, p. 19). Ao verificar que a simpatia entre duas pessoas, é uma das maiores fontes de prazer (o que ele chama de prazer da mútua simpatia) descobre o regulador ético que tende a harmonizar as diversas paixões.

Por fim, Smith escreve que o dever é o respeito às regras gerais de conduta, e este é o princípio de maior importância na vida humana e o único pelo qual a maioria da humanidade é capaz de ordenar suas ações. (SMITH, 2002, p. 195). Essas regras gerais são chamadas de Leis e de acordo com Smith “como estas, são regras para ordenar as ações livres dos homens; são prescritas mais acertadamente por um

superior legítimo, e também resultam na sanção de recompensas e punições. Para sintetizar o quadro de pensamento:

Quando aprovamos algum caráter ou ação, os sentimentos que experimentamos, segundo o sistema acima citado, derivam de quatro fontes, em alguns aspectos diferentes entre si. Primeiro, simpatizamos com os motivos do agente; segundo, participamos da gratidão dos que recebem benefício de suas ações; terceiro, observamos que sua conduta obedece às regras gerais por meio das quais essas duas simpatias geralmente agem; e, por último, se considerarmos tais ações como parte de um sistema de conduta que tende a promover a felicidade do indivíduo ou da sociedade, então dessa utilidade poderá resultar certa beleza, não muito distinta da que atribuímos a qualquer máquina bem engendrada (SMITH, 2002, p. 406).

A Teoria dos Sentimentos Morais é um exemplo de aplicação do método newtoniano nas ciências sociais. A partir da observação dos fatos sociais, Smith demonstra o princípio básico que sustenta nossa sociabilidade: a simpatia. Partindo desse princípio, ele explora os mecanismos que coordenam e harmonizam a sociedade. É como se o autor estivesse analisando um relógio e vendo como as engrenagens estão em perfeita ordem de funcionamento sendo que, no caso da sociedade, o relojoeiro seria Deus e a finalidade pela qual ele organizou as engrenagens seria a felicidade humana. Smith revisou e editou a Teoria dos Sentimentos morais algumas vezes até o final da sua vida.

O livro despertou interesse entre os intelectuais e passou a ser amplamente citado nos debates, em específico por um homem chamado Charles Townshend. Ministro das Finanças, estudioso da filosofia e da política e um grande interessado nos textos de Smith, faz-lhe uma generosa e importante oferta de trabalho. Em 1763, Smith pede demissão de sua cadeira na universidade para tornar-se tutor do jovem duque de Buccleuch e acompanha-lo em suas viagens pela Europa. Townshend ofereceu-lhe quinhentas libras por ano e mais uma pensão de quinhentas libras por ano até o fim da sua vida, foi uma oferta irrecusável para Smith que, até então, ganhara um máximo de cento e setenta libras por ano, diretamente recebido de seus alunos. Partiram em 1764, primeiramente para Toulouse depois para Genebra e enfim para Paris. No sul da França conheceu Voltaire, com quem mais tarde se encontra em Genebra. Já em Paris, Smith conhece o maior pensador econômico da França: François Quesnay, um doutor da corte de Luís XV e médico pessoal da realeza.

Quesnay começou uma escola econômica conhecida como Fisiocracia e elaborou um esquema de funcionamento da economia denominado *tableau économique*:

O *tableau* era na verdade uma visão de um médico: em oposição às ideias da época, que ainda consideravam a riqueza como um sólido acúmulo de ouro e prata, Quesnay insistia que a riqueza originava-se da produção e espalhava-se através do país, de mão em mão, fortalecendo o organismo social como a circulação do sangue. (HEILBRONER, 1996, p. 49)

Quesnay acreditava no *laissez-faire*, uma divergência radical para a época mercantilista, o problema da Fisiocracia era que acreditavam que apenas a agricultura produz a verdadeira riqueza enquanto a manufatura e o comércio apenas altera sua forma, mas de maneira que não agrega valor. Smith, talvez por nascer e crescer em um país que se tornou agitado pelo comércio, diferente da economia primordialmente agrícola da França, não aceitava essa concepção.

Em 1766, a viagem sofreu uma repentina interrupção devido à morte do irmão mais novo do duque, isso levou-os a voltar para casa. Smith, primeiramente, foi para Londres onde conheceu Benjamin Franklin, um inteligente americano que lhe forneceu dados sobre a riqueza das colônias americanas e uma profunda análise sobre o papel que elas iriam desempenhar um dia (HEILBRONER, 1996, p. 50). Depois, Smith voltou a sua cidade natal, Kirkcaldy, onde passou dez anos terminando sua obra mais famosa: *Investigações sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, publicada em 1776, ano da Revolução Americana. Sobre este livro Heilbroner comenta:

Foi classificado como "manifestação não apenas de uma grande mente, como também de toda uma época" (Max Lerner, Introd. a *Wealth*). No entanto, não se trata de um livro "original" no sentido estrito da palavra. Há uma longa lista de observadores que antes de Smith vislumbraram sua compreensão do mundo: Locke, Steuart, Mandeville, Petty, Cantillon, Turgot, isso sem mencionar Quesnay e Hume de novo. Smith pegou tudo deles: há mais de cem autores mencionados por nome em seu tratado. Mas onde outros esclareceram esta ou aquela questão, Smith iluminou a paisagem inteira. *The Wealth of Nations* não é um livro original, mas sem dúvida é uma obra prima. (HEILBRONER, 1996, p.51)

A Riqueza das Nações é um vasto tratado e desordenado, rico em anedotas, e escrito em uma prosa admirável (GALBRAITH, 1989, p. 56). Um livro cheio de

curiosas observações de casos, desde a despesas do governo civil da colônia de Massachusetts Bay até a função dos acionistas de uma empresa, em que eles não pretendem compreender qualquer dos negócios da empresa mas lhes interessam quaisquer dividendos, dá para se considerar atual. Há três pontos centrais na Riqueza das Nações: Primeiro, a percepção das amplas forças que motivam a vida econômica e o esforço econômico ou a natureza do sistema econômico. Segundo, a maneira como os preços são determinados e como a renda resultante da produção e do trabalho é distribuída em salários, lucros e aluguéis. Em terceiro, as políticas através das quais o Estado sustenta e promove o progresso e a prosperidade econômica.

Mas abrindo mão dos comentários não relacionados ao tema ou que não são o foco principal, Smith nos deixa com uma grande questão: As leis de mercado, chamadas de a “mão invisível”, por meio da qual os interesses e paixões particulares dos homens são orientados na direção mais benéfica para o interesse da sociedade inteira. Ou seja, se refere, em parte, à famosa passagem, por várias citada:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro, do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração de que eles têm seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua autoestima, e nunca lhe falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles (SMITH, 2003, p. 74).

A “mão invisível” se refere à competição, o conflito dos interesses próprios no mercado. É esse mercado repleto de compradores e vendedores que delimitam os interesses próprios, e segundo Smith, essa interação de interesses dos agentes gera o mais inesperado: a harmonia social. Aqui o homem pode ser colocado em uma categoria diferente do homem de a Teoria dos Sentimentos Morais, como um agente econômico procurando seu interesse em detrimento de qualquer outro homem ou interesse.

Após a publicação da sua grande obra, Smith passa dois anos em Londres onde se uniu aos intelectuais da época. Após ser designado encarregado da alfândega na Escócia, foi morar em Edimburgo com sua mãe. Acredita-se que sua renda foi gasta secretamente em caridade (BRUE, 2011, p. 64). Smith recebeu muitas honras, uma delas foi a sua eleição como reitor da Glasgow College, antes de sua

morte muitos textos e manuscritos foram destruídos de acordo com seu desejo. Morreu em 1790, ainda morando com sua mãe, solteiro, com sessenta e sete anos de idade, pouco noticiado e em sua lápide estava escrito: “Adam Smith, autor de *A Riqueza das Nações*”.

3 DAS ADAM SMITH PROBLEM

Na Teoria dos Sentimentos Morais, Smith harmoniza o caos potencial das paixões humanas definindo o princípio da simpatia, a qual nos faz pensar no lugar do outro e que naturalmente refrearia nossas paixões para que, assim, fossemos aprovados pelos outros. Já na obra *A Riqueza das Nações*, teríamos a busca do interesse pessoal como o grande motor do progresso social, com o conjunto de interesses pessoais da sociedade, a “mão invisível” levaria a um equilíbrio, a uma harmonia social. Dessa forma, buscando apenas o interesse próprio, cada um melhoraria toda a sociedade.

Dessas duas teses de Smith, surgiram interpretações sobre a sua obra. “Das Adam Smith Problem” foi o nome dado pela escola histórica alemã para relação de moralidade entre a Teoria dos Sentimentos Morais e a *Riqueza das Nações*. Após a publicação da segunda, em 1776, duas teses sobre a relação entre as obras foram criadas, a primeira tese define uma ruptura no pensamento moral na obra smithiana, e a segunda tese defende a unidade de pensamento entre as duas obras. A primeira é historicamente aceita pela literatura convencional, principalmente pelos neoliberais, já a segunda vem suscitando debates nos últimos anos.

3.1 PRIMEIRA TESE: RUPTURA OU MUDANÇA DE ENFOQUE

Esse debate, que mobilizou teóricos e historiadores do pensamento econômico apareceu pela primeira vez na escola histórica alemã, que argumentou que existe uma ruptura radical entre a Teoria dos Sentimentos Morais e a Riqueza das Nações. Roscher (1843), Hildebrand (1848), Knies (1853) e Schmoller (1870) criticaram a posição de extremo liberalismo conceitualizado pela escola de Manchester, que defendia o *laissez-faire*, o qual dizia que a perseguição dos interesses individuais egoísticos sempre resultaria na harmonia. Knies critica o próprio autor Adam Smith de confundir os instintos por traz do interesse privado, como descrito por Bertrand:

Nesse interesse (privado), coexistiriam tanto instintos egoístas, que são naturalmente conflitivos (exatamente o contrário do que se propalava), e instintos sociais, que conciliam interesses próprios com o interesse do outro. No segundo, estaria a fundação moral da sociedade. A consequência da confusão dos dois instintos significou o reforço a uma psicologia reducionista da natureza humana e a ideia de que existiria uma impossibilidade na obra do autor de conciliar o sentimento moral altruísta (a simpatia) com o egoísmo (BERTRAND, 1993; GANEM 2000, p. 20).

Já em 1878, Skarzynski vai mais além, defendendo a influência do materialismo francês em Smith, durante sua estadia na França. Esse argumento aponta que Adam Smith teve uma quebra no seu pensamento, saindo da influência da ética de Hucheson para ser influenciado pelo racionalismo francês de Helvetius. Essa ideia desenvolvida por Skarzynski, que se tornou difundida tempos mais tarde, é a de tratar a moral e a economia como dois universos isolados e independentes. Seria possível isolar o egoísmo da simpatia e com isso tratar separadamente os dois universos (Bertrand, 1993; GANEM, 2000, p. 21). No século XX, um importante autor que defende a divergência irreconciliável entre as obras é Jacob Viner com sua obra *Adam Smith e o laissez-faire*. Seu argumento é de que na *Teoria dos Sentimentos Morais* há uma ordem harmoniosa da natureza, concebida e guiada por Deus mas na *Riqueza das Nações*, Smith observa as imperfeições baseadas na coleta de dados mediante observações da realidade. Para Viner, na primeira obra Smith foi um filósofo/teólogo especulativo utópico, já na segunda foi um economista realista e assim rompendo com o pensamento metafísico da primeira obra.

O pensamento de que existem dois domínios inteiramente separados, o da simpatia no âmbito moral e o dos interesses no âmbito econômico, defendido por Skarzynski e Viner, é retomado em duas teses importantes na literatura contemporânea com os autores Albert Hirschman e Louis Dumont. Ângela Ganem faz uma pequena abordagem sobre Hirschman e sua tese, na qual não aprofundarei:

A segunda tese vem de Albert Hirschman, um americano crítico da ortodoxia e defensor da economia como uma ciência moral (mas não para Adam Smith) que elabora uma arqueologia da noção de interesse nas suas múltiplas formas, desde o interesse privado, que aparece confundido com interesse nacional, passando pelo desejo de poder, até chegar ao interesse do ganho material. Esse interesse, paixão calma e previsível, é alçado a remédio contra as paixões destrutivas e veículo da paz (GANEM, 2000, p. 21-22).

Dumont na obra *Homo Aequalis*, tem o objetivo de demonstrar como se deram as mudanças nos valores da sociedade ocidental cristã e a concepção da nova sociedade moderna. Para isso, faz um estudo desde a gênese da ideologia econômica até a sua “plenitude”, sendo que o início se dá na Riqueza das Nações e o fim em Karl Marx e tenta estabelecer o caminho que a Ciência Econômica percorreu. Tenta demonstrar que Quesnay, Locke e Mandeville, levaram Smith a ter uma guinada em seu pensamento e assim “bloqueando” a Teoria dos Sentimentos Morais na Ciência Econômica. Para ele, a concepção de homem na *Riqueza das Nações* está totalmente isolada da moralidade, mas isso não impede a coesão social, ou seja, o homem da *Riqueza das Nações* seria a antítese do homem da *Teoria dos Sentimentos Morais*. Assim, Dumont defende a tese de que a Economia, para ser uma ciência autônoma, necessita se emancipar da política e depois da moral. Da mesma forma, Smith passa de filósofo/teólogo para economista, ou seja, demonstra um caráter evolutivo no pensamento e obra de Adam Smith.

3.2 SEGUNDA TESE: UNIDADE

Essa tese, que prega a unidade entre o pensamento smithiano encontrado na *Teoria dos Sentimentos Morais* e na *Riqueza das Nações* tem se difundido cada vez mais nos debates, particularmente nas duas últimas décadas. Possui três momentos históricos. O primeiro, com os autores Richard Zeyss (1889), Paszkowski's (1890), Hasbach (1891) e Delatour (1896), é considerada a primeira reação à escola histórica. O segundo, com Glenn Morrow (1924) e o terceiro, marcado pela contribuição de vários autores contemporâneos como Raphael e Macfie (1976), Heilbroner (1982), Marshall (1984), Todorov (1996), Justman (1993) e Brown (1997b) mas que, dentre eles, destaque Jean Pierre Dupuy (1992).

O primeiro momento, que é uma reação à ruptura da escola histórica alemã, aparece através de descobertas de obras e declarações do autor. Primeiramente, baseando-se na publicação de *Lectures on jurisprudence*, é declarado o argumento de que Smith já havia formulado suas bases teóricas das obras *Teoria dos Sentimentos Morais* e *Riqueza das Nações* antes mesmo da sua viagem para a França e existiria uma relação entre as obras. Essa relação partiria da ideia de uma ação econômica cuja fonte é na paixão do *amor-próprio*. Em segundo lugar, Smith considerava a *Teoria dos Sentimentos Morais* sua obra mais importante, soma-se a isso o fato de que o autor reeditou seis vezes essa obra e sua última edição foi no ano de sua morte, após a *Riqueza das Nações*. Por fim, o terceiro argumento, baseado no prefácio à sexta edição, Smith concebe a totalidade de sua obra como unificada.

O segundo momento, não mais foca em fatos e declarações do autor, mas na noção de simpatia que já nessa época era considerado o conceito central da *Teoria dos Sentimentos Morais*. Em 1924, Morrow faz duas publicações: *The Ethical and Economic Theories of Adam Smith: a study in the social philosophy of the eighteenth century* e *The Significance of the Sympathy in Hume and Adam Smith*. Contrapondo a escola histórica a qual defendia que o universo ético e o universo econômico seriam mutuamente excludentes. Morrow demonstra em suas publicações que o auto interesse pode ser definido como virtude moral, unindo os dois universos. Para ele, tanto o egoísmo quanto a simpatia estão articulados sobre a base do mesmo operador moral. Além disso, o autor critica a leitura fisiocrata da obra de Smith. O natural é estar afinado com a natureza humana, descrita na *Teoria dos Sentimentos Morais*, e esse conceito deve ser o fundamento de uma ciência do homem. De acordo com Morrow, este foi o propósito de Smith em escrever a *Teoria dos Sentimentos Morais*, firmando

a base de seu pensamento para depois pensar na ordem econômica na *Riqueza das Nações*.

O terceiro momento, é a versão contemporânea de unidade da obra de Adam Smith, onde a problemática moral é mais clarificada. É possível enxergar várias possibilidades de ligação entre as obras de Smith. Heilbroner (1996), por exemplo, coloca o homem econômico da *Riqueza das Nações* é o homem prudente da Teoria dos Sentimentos Morais. Ele tenta demonstrar que lendo as obras de Smith sobre o processo de socialização do homem, o começo da *Teoria dos Sentimentos Morais* seria o homem primitivo e o ao final da *Riqueza das Nações* seria o homem socializado exposto ao olhar do outro no final de a *Teoria dos Sentimentos Morais*. Já Marshall (1984), com o texto *Adam Smith and Theatricality of Moral Sentiments*, alimenta a discussão com uma nova visão, importada da sociologia, da ideia do teatro para o entendimento da ordem social. No ato teatral cada participante é duplo: ator e espectador e nas palavras da Teoria dos Sentimentos Morais se traduz no conceito de *Simpatia* e de como nos colocamos no lugar do outro para julgar se simpatizamos ou não com cada ação.

Toda a TSM torna-se palco para que a angústia das pessoas se manifeste quando estas são colocadas sob o olhar do outro no palco: elas provocarão simpatia, elas serão aprovadas? O reconhecimento moral é chamado para o centro da questão e permite mostrar a incompletude do homem, sua não autossuficiência, sua necessidade infinita do outro (GANEM, 2000, p. 24).

É em torno dessa ideia do ato teatral posta no debate por Marshall que Dupuy, em sua obra *A Emancipação da Economia em Relação à Moral: Adam Smith*, vai criticar as teses levantadas por Dumont e Hirschman. Nas suas palavras: “Esta ideia da economia como redução, delimitando seu domínio próprio, é cega da verdadeira contribuição de Adam Smith” (DUPUY, 1992; GANEM, 2010, p. 25), se referindo aos dois autores, e mais do que isso, atingindo o pensamento neoclássico. A apresentação das ideias de Dupuy, que estão em harmonia com a tese defendida por Ângela Ganem, será abrangida no próximo tópico e servirá como uma introdução à abordagem da autora.

4 A ABORDAGEM DE ÂNGELA GANEM

“O autor de *Le Sacrifice et l'envie* (Dupuy) parte da noção de simpatia na TSM para chegar ao interesse na RN. Serei fiel aos seus argumentos, mas farei o movimento inverso de sua exposição, partindo do interesse privado, conceito que liga, via o amor-próprio, as duas obras, para depois tratar a simpatia como conceito morfogenético da TSM.” (GANEM, 2000, p. 25).

Dupuy retoma a discussão da escola histórica alemã sobre o interesse privado. Esse interesse, repetidamente descrito na *Riqueza das Nações*, possui duas interpretações: uma reducionista, da tese de ruptura e neoclássica já descrita e a outra a da tese unitarista. Dupuy retoma de Morrow e da tradição unitária da obra de Smith o amor-próprio (*self-love*) como traço central. Esse amor-próprio seria concebido do reconhecimento do outro e por isso, ao necessitar incondicionalmente do outro, o homem predito por Smith é em sua natureza, incompleto. Com esse argumento, segundo a autora, Adam Smith rompe com a noção de amor-próprio ligado fundamentalmente ao egoísmo mas compreende como algo ligado a um julgamento (aprovação). Segundo Ganem (2002), Adam Smith escreve na TSM: “Hutcheson estava distante da ideia de que o amor-próprio pudesse ser virtuoso e que o prazer da auto-aprovação, o aplauso reconfortante de nossas próprias consciências, rebaixava o mérito de uma ação benevolente” (Smith, 1997; GANEM, 2000, p. 25).

Já na questão da simpatia, ponto central na Teoria dos Sentimentos Morais, Dupuy, segundo a autora, desmonta as interpretações equivocadas sobre o termo, principalmente aquela que a confunde com benevolência. Para Dupuy, a principal fonte da simpatia é o julgamento de aprovação do outro. O desejo de as pessoas serem aprovadas é que dá substância ao amor-próprio e nisso é estabelecida uma relação entre as obras smithianas. Essa ideia, a autora chama de “simpatia reflexiva” e é “a ideia de que simpatizamos com nós mesmos na exata medida em que os outros simpatizam conosco. Ou amamo-nos na exata medida em que os outros nos amam” (GANEM, 2000, p. 26).

Diferentemente da teoria Marxista e aproximando-se de Veblen, Dupuy funda a dinâmica social não no conflito mas na estabilidade da ordem moral, na própria simpatia. Nas palavras do autor “longe de fundar a dinâmica social sobre um princípio de diferenciação, esses dois autores dão conta da estabilidade das relações sociais

pelo princípio do acordo e pelo desejo de semelhança: a simpatia” (Dupuy, 1992b, p. 161; Ganem, 2000, p. 27). Mas, a ideia de Dupuy se diferencia buscando a realidade quando recupera a degradação dos sentimentos morais descrita na *Teoria dos Sentimentos Morais*. Segundo o autor, em uma sociedade hierarquizada, onde também cada um deseja o que os outros possuem, pode conter simpatia, inveja e as duas dentro do amor-próprio. Essa mistura, lastreada pelo amor-próprio é a que harmoniza e ordena. Por fim, Dupuy conclui a tese de que Smith direciona esse pensamento para a elaboração do modelo de mão invisível.

Após essa ampla introdução, que Ângela Ganem (2000) faz de Dupuy, concordando, sua tese será abordada a partir do texto *Economia e Filosofia: Tensão e Solução na Obra de Adam Smith*. Partindo de quatro conceitos, presentes em três movimentos: *experiência e imaginação*, *imaginação e moralidade* e *moralidade e interesse*. Seu ponto de partida é a TSM e continua a defender a unidade na obra de Adam Smith.

A autora trata a experiência e imaginação como ponto de partida para o pensamento de Smith. “Só a partir da experiência podemos formar alguma ideia do que se passa na mente do outro, podemos nos colocar no lugar do outro. Só por meio da imaginação nos é possível conceber quais são as suas verdadeiras sensações” (GANEM, 2002, p. 108). Utiliza a ideia teatral de Marshall, de ator/espectador. O ator age, sofre, sente e vivencia, já o espectador se imagina no lugar do ator, sentindo e formando juízos através da imaginação. Esse ponto de partida empírico é a base de sustentação, segundo a autora, para formação dos valores éticos.

Por serem derivados da experiência e da imaginação, do convívio e da ideia de ator/espectador, para Ângela Ganem, os valores éticos ou normas morais são incondicionalmente produções sociais. “Avalio sua percepção pela minha percepção, seu ódio pelo meu ódio, sua razão pela minha razão, seu ressentimento pelo meu ressentimento, seu amor segundo o meu amor. Não tenho nem posso ter outra forma de julgá-los” (SMITH, TSM p. 66; GANEM, 2002, p. 110). E termina citando mais uma passagem da *Teoria de Sentimentos Morais*: “Assim é como se formam as regras gerais da moralidade. Baseiam-se, em última instância, na experiência dos que aprovam nossas faculdades morais ou no nosso sentido de mérito e de correção”

(SMITH, TSM, p. 291, 292; GANEM, 2002, p. 110). Sobre a moralidade, Ganem escreve:

Nessa obra, o autor não apenas define quais são as virtudes que o homem virtuoso e sábio deveria perseguir, como também nos fornece a possibilidade de entendermos o amor-próprio construído e expresso no desejo de aprovação e reconhecimento. (GANEM, 2002, 112)

Mais uma vez, a *simpatia* é o ponto-chave, que não é um sentimento egoísta mas é a identificação do espectador com as virtudes, dores ou alegrias do ator e assim o espectador, através da imaginação coloca sobre si esses sentimentos. Quando nós somos os atores, desejamos arduamente que os espectadores tenham um sentimento de aprovação e reconhecimento de nossas atitudes, e isso acontece quando eles simpatizam com nossas ações.

Outro conceito abordado, de fundamental importância na obra de Smith, é o sentimento de adequação. “A adequação fornece novas luzes sobre o desejo imperioso de ser aprovado e, conseqüentemente, sobre a construção do amor-próprio” (GANEM, 2002, p. 112). Este sentimento vem à tona na medida em que o espectador aprova aquilo que ele próprio acha justo, sendo diferente da justiça do ator e por isso há um sentimento de adequação dos sentimentos. Além disso, é esse sentimento de adequação que, segundo a autora, é possível distinguir o homem sábio do homem prudente: “*O indivíduo sábio e virtuoso está sempre disposto a sacrificar seu interesse particular em prol do interesse coletivo*” (Smith, TSM; GANEM, 2002, p. 113). Sendo o homem virtuoso o homem que deveria ser, já o homem prudente é o homem adequado de acordo com a moralidade vigente e age de acordo com ela para obter a aprovação do homem da *Riqueza das Nações*.

Desfazendo confusões, devolvendo ao conceito de simpatia uma dimensão do amor-próprio que lhe faltava e sublinhando o sentido de adequação reunimos as condições para iluminar o conceito de interesse privado presente na *Riqueza das Nações* e, portanto, de explorar a possibilidade de unir as duas obras, objeto do próximo ponto (GANEM, 2002, p. 113).

Por fim, a tese da autora, de união entre as obras é concentrada no sentido da adequação. Em 1781, cinco anos após a publicação da *Riqueza das Nações*, Adam Smith introduz um novo capítulo à *Teoria dos Sentimentos Morais*, com um título autoexplicativo: “Da corrupção de nossos sentimentos morais ocasionada pela disposição em admirar os ricos e os grandes e a desprezar os pobres e de baixa condição”. Esse capítulo constitui uma moral de certa forma já perniciosa e deteriorada, diferente do tratado sobre moralidade dos demais capítulos, isto é, do “deveria ser” (Ganem, 2002, p. 116). Smith está preocupado agora em compreender as relações na sociedade hierarquizada, a qual admira o rico e despreza o pobre. Pelo conceito de adequação, é possível reconciliar moral e economia na obra de Smith, aproximando “a moral burguesa vigente às relações capitalistas nascentes e sublinhar as regras morais como operador social” (Ganem, 2002, p.117).

5 A ABORDAGEM DE HUGO CERQUEIRA

Nesse tópico, primeiramente, será abordado um contraponto entre os “protocolos de leitura” de Smith e as correntes derivadas desses protocolos, a fim de analisar introdutoriamente e contextualizar a abordagem de Hugo Cerqueira. Em segundo, será feita, como chamada pelo autor, uma explanação da “abordagem contemporânea” e seus novos desdobramentos. Na última parte, conclusiva, será exposta a crítica que Cerqueira (2005), alicerçado na tese de Amartya Sen, faz à leitura clássica da obra de Adam Smith.

Os “protocolos de leitura” da obra de Smith, ao longo do tempo, têm oscilado em dois conjuntos: a reconstrução racional ou *Whig history*³ e a reconstrução histórica. O primeiro consiste em compreender uma obra com base na aplicabilidade ou de acordo com os conceitos da teoria econômica contemporânea. Essa perspectiva não

³ O termo *Whig history*, atribuído ao partido Whig (liberal) inglês, é uma crítica sobre a tendência dominante na historiografia inglesa, que consistia em tratar a história da Inglaterra como um movimento progressivo em direção aos ideais liberais. Desde a publicação de um livro em 1951 de Herbert Butterfield, esse termo entrou em uso na literatura sobre HPE para designar de maneira pejorativa uma prática que deveria ser evitada pelos historiadores (Cerqueira, 2005, p. 188)

é capaz de trazer a obra de Smith em sua compreensão original, podendo ser feita uma leitura seletiva e desequilibrada, como nos aponta Cerqueira:

No caso de Smith, isso nos levaria a desconsiderar a maior parte de seus textos (na medida em que não são “textos de economia”) e até mesmo a fazer uma leitura seletiva e desequilibrada da *Riqueza das nações* (na medida em que há ali muito que escapa à economia ou que não se enquadra nos padrões modernos da disciplina) (CERQUEIRA, 2005, p. 189).

Já a segunda perspectiva de leitura, parte da constatação que a situação histórica, seja o ambiente intelectual, pensamento, ideias em que o autor se encontra é de inegociável importância para a sua interpretação, da mesma forma que suas intenções também são de extrema importância. Sendo assim, esses conceitos devem ser antes analisados, para depois interpretar a obra do autor. Esse tipo de leitura ampliou os horizontes, enriquecendo o debate na medida em que aspectos importantes, antes negligenciados na obra de Smith, são utilizados agora para novas interpretações das relações entre ética e economia (CERQUEIRA, 2005, p. 190).

Ao contrário da primeira perspectiva, dos textos tradicionais sobre a relação entre a *Teoria dos Sentimentos Morais* e a *Riqueza das Nações*, que insistiam em apontar para uma incoerência ou inconsistência entre as duas obras smithianas, as novas leituras possuem outra característica. Há agora uma clara tentativa de compreender estes textos como partes de uma mesma obra. Smith nunca se referiu a *Teoria dos Sentimentos Morais* na *Riqueza das Nações*, isso é um fato. Mas também nunca deu qualquer indicação para uma possível contradição entre as obras ao longo de sua vida, bem como nunca mostrou uma observável mudança essencial em sua posição filosófica (CERQUEIRA, 2005, p. 191).

Nessa nova perspectiva, de união da obra de Smith, está fundamentada a “abordagem contemporânea” defendida pelo autor. Essa abordagem vai mais além de apenas caracterizar as relações entre ética e economia no pensamento smithiano. Os autores buscam situar Smith em seu contexto histórico, no contexto mais amplo do iluminismo escocês e nos debates marcantes do pensamento político e moral do Renascimento até época em que viveu, no século XVIII. Sobre isso Cerqueira cita Tribe (1999):

Ao invés de seguir tratando-o como mais um estudioso dos mecanismos de alocação de recursos através da fixação de preços relativos, trata-se de entendê-lo como um pensador preocupado em refletir sobre as maneiras como o auto interesse e a sociabilidade podem combinar-se para tornar a sociedade comercial mais próspera e virtuosa (Tribe, 1999, p. 627; CERQUEIRA, 2005).

Segundo Cerqueira, para a concretização da “abordagem contemporânea” da obra de Smith, é necessária duas tarefas. Primeiro, retomar a investigação sobre sua filosofia moral, em particular sua concepção sobre liberdade e justiça. A segunda tarefa é a de reinterrogar a verdadeira natureza da economia política de Smith e como foi possível a interpretação de rachadura com a filosofia moral, posto que cada uma delas possui uma “unidade orgânica”, mas formam juntas um “todo coerente” (Criswold Jr., 1999, p. 29-30; CERQUEIRA, 2005). Complementando seu pensamento:

Trata-se de uma reflexão que, ao invés de se ocupar com a análise de fenômenos econômicos, lidará com a fundamentação dos pressupostos que orientam esta análise, tarefa que abre um amplo espaço para uma proveitosa cooperação entre estudiosos da filosofia e da economia (CERQUEIRA, 2005, p. 195).

Segundo Cerqueira, há nos últimos anos um “esforço que vem sendo reclamado por filósofos e economistas” (CERQUEIRA, 2005, p. 195), de proporcionar um novo entendimento das relações entre ética e economia. Principalmente devido à ascensão do pensamento Neoliberal dos anos 80 que coloca Smith como o pai do liberalismo econômico. A obra de Amartia Sen é a prova desse esforço para melhor entendimento da relação ética e economia. Sen desenvolve primeiro uma crítica extensiva à teoria convencional, atacando um de seus pilares mais defendidos: o pressuposto de que os agentes se orientam apenas pela busca do seu auto interesse (SEN, 1997; CERQUEIRA, 2005), proveniente de Adam Smith.

Mais tarde, a crítica de Sen se desdobra em duas direções. A primeira se dá pelo fato de os economistas tratarem as motivações humanas de uma maneira “estritamente convencional” e a segunda, critica a compreensão convencional do

pensamento econômico de Smith, impondo a ele a mesma visão restrita sobre as motivações morais dos atos econômicos (CERQUEIRA, 2005). Sobre isso reflete que, apesar de a economia convencional ter produzido bons resultados econômicos, os resultados seriam melhores e mais ricos se as questões éticas que moldam o comportamento humano fossem consideradas. Nesse ponto critica o comportamento racional e como é concebido esse comportamento, seja a consistência interna das escolhas como a maximização do auto interesse. Sen argumenta que estudos vêm apontando o peso que a presença de diferentes sistemas de valores nacionais tem no desempenho econômico relativo das sociedades (SEN, 2000; CERQUEIRA, 2005).

Para Cerqueira, a visão convencional de compreensão da obra de Adam Smith é enganosa. Seja ela a ideia de que as escolhas individuais são orientadas apenas pela busca do auto interesse, seja ela a ideia de que essas escolhas egoístas ao final tentem a produzir os resultados mais eficientes para o bem-estar pessoal e para a sociedade. O autor ressalta dois equívocos.

Primeiro, consiste em relacionar os conceitos de *prudência* de Smith ao conceito contemporâneo de *auto interesse*. O *auto interesse*, para Cerqueira, é mais precisamente verificado no sentido dado por Smith de *amor próprio* (*self-love*). Já a *prudência* para Smith, segundo o autor, é a combinação da racionalidade humana, que nos ajuda a discernir as consequências de nossas ações, com o *autodomínio* (*self-command*), de conceito estoico (CERQUEIRA, 2005, p. 197).

Segundo, e talvez a crítica mais poderosa, está na leitura parcial, seletiva e tendenciosa da obra de Smith. Essa leitura deixa de lado a questão principalmente do princípio da simpatia e as virtudes como por exemplo a justiça, generosidade, humanidade, etc. Foca apenas em contextos específicos do autor, usados para defender, “*a la Whig history*”, suas teorias enfatizando por exemplo, o *amor-próprio* e o auto interesse egoístico. Sobre essa questão, Sen escreve:

“O apoio que os crentes e defensores do comportamento auto interessado buscaram em Adam Smith é na verdade difícil de encontrar quando se faz uma leitura mais ampla e menos tendenciosa da obra smithiana. Na verdade, o professor de filosofia moral e economista pioneiro não teve uma vida de impressionante esquizofrenia. De fato, é precisamente o estreitamento, na economia moderna, da ampla visão smithiana dos seres humanos que pode ser apontado como uma das principais deficiências da teoria econômica contemporânea. Esse empobrecimento relaciona-se de perto com o distanciamento entre economia e ética” (Sen, 1999, p. 44; CERQUEIRA, 2005).

Por fim, Cerqueira afirma que não há nenhum exagero em afirmar que, essas novas abordagens da obra de Smith, sobre uma perspectiva histórica representam um passo importante no desafio de superar o grande abismo que, começando com as interpretações seletivas e errôneas do pensamento smithiano, se tornou quase intransponível.

6 CONCLUSÃO

A escolha deste tema se deu devido a minha insatisfação ao perceber esse afastamento da ética e da economia. Faço uma abordagem histórica da obra smithiana buscando no contexto iluminista e nos valores da ética protestante, tirar as conclusões para nossos dias, pois os tempos, contextos e ideias mudam, mas o homem permanece sempre o mesmo.

Sem sombra de dúvidas esse é um assunto que, de longe, não se esgotou. Principalmente devido à falta de um estudo completo sobre a filosofia moral em Adam Smith. Através de cada colaboração dada ao tema, torna-se mais claro a unidade de toda a obra de Smith e põe em cheque a tese de ruptura. Isso foi verificado nas interpretações de Ângela Ganem e Hugo Cerqueira.

Nesse artigo, foi verificado que o pensamento econômico convencional utiliza-se de uma leitura seleta da obra de Smith, com o objetivo de sustentar seus princípios, resumidamente, de que o auto interesse egoísta causa a máxima utilidade tanto para o bem estar pessoal quanto para a sociedade. Esse pensamento, aos olhos da teoria de Amartya Sen:

Ao mesmo tempo em que admite que a maneira de conceber os seres humanos e suas motivações que caracteriza a abordagem econômica convencional tenha produzido resultados teóricos relevantes, ele considera que a teoria econômica poderia tornar-se mais produtiva se considerasse os problemas associados às questões éticas que moldam o comportamento humano" (CERQUEIRA, 2005)

A devida reconstrução histórica da obra de Smith, abrangendo seu contexto, demonstra que ela é muito mais profunda do que os velhos estudos convencionais equivocados. Através da exposição do pensamento de Ângela Ganem, conseguimos extrair os conceitos chave da obra de Smith. O conceito de Simpatia, que em última análise é o julgamento moral das ações que os outros têm de nós mesmos. O conceito de adequação, apresentado no último capítulo da TSM e do qual a autora busca a coerência entre as obras, mostra que a moral burguesa deteriorada é que influenciou o afastamento da ética e economia.

Através da exposição do pensamento de Hugo Cerqueira, conseguimos verificar a amplitude do debate posto nas últimas décadas entre ética e economia, sendo Amartia Sen, um dos maiores defensores da união da Ética com Economia. Sobre a crítica que Sen faz à teoria convencional escreve:

Ao mesmo tempo em que admite que a maneira de conceber os seres humanos e suas motivações que caracteriza a abordagem econômica convencional tenha produzido resultados teóricos relevantes, ele considera que a teoria econômica poderia tornar-se mais produtiva se considerasse os problemas associados às questões éticas que moldam o comportamento humano" (CERQUEIRA, 2005)

Essa união, entre ética e economia, em seu primeiro sinal de vida, pode derivar da junção das obras smithianas entre: *A Teoria dos Sentimentos Morais* e *A Riqueza das Nações*.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, P. (1993) "Histoire d'une question: Das Adam Smith Problem". In: Journée d'Etudes de l'Association Charles Gide pour l'Étude de la Pensée Economique, Paris.

BRUE, Stanley L. História do Pensamento Econômico/ Stanley L. Brue [tradução Luciana Penteado Miquelino]. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CERQUEIRA, H. Adam Smith e seu contexto: o Iluminismo escocês. Economia e Sociedade (UNICAMP. Impresso), v. 26, p. 1-28, 2006.

CERQUEIRA, H. Para ler Adam Smith: novas abordagens. Síntese (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 32, n.103, p. 181-202, 2005.

CERQUEIRA, H. Sobre a filosofia moral de Adam Smith. Síntese (Belo Horizonte. 1974), v. 35, p. 57-86, 2008.

DUMONT, L. (1977) Homo Aequalis: genèse et épanouissement de l'idéologie économique. Paris: Gallimard.

DUPUY, J. P. (1992a) Le Sacrifice et l'envie: Le libéralisme aux prises de la Justice. Paris: Calmann- Levy.

_____. (1992b) Introduction aux sciences sociales: logique de phénomènes collectifs. Paris: Ellipses.

FEIJÓ, Ricardo Luis Chaves. História do pensamento econômico: de Lao tse a Robert Lucas. São Paulo: Atlas, 2001.

GALBRAITH, John Kenneth. O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica. São Paulo: Pioneira: USP, 1989.

GANEM, Â. "Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica". R. Econ. contemp., Rio de Janeiro, 4(2): 9-36, jul./dez. 2000.

GANEM, Â. "Economia e Filosofia: Tensão e Solução na Obra de Adam Smith". Revista de Economia Política, vol. 22, nº 4 (88), outubro-dezembro/2002.

HEILBRONER, Robert L. A história do pensamento econômico. 6. ed. São Paulo: Nova Cultural, c1996.

SEN, Amartya. 1999 [1987]. Sobre ética e economia. Trad. port., São Paulo: Companhia das Letras.

SEN, Amartya. 2000 [1999]. Desenvolvimento como liberdade. Trad. port., São Paulo: Companhia das Letras.

SMITH, Adam. A riqueza das Nações. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SMITH, Adam; STEWART, Dugald. Teoria dos sentimentos morais, ou, Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma Dissertação sobre a origem das línguas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.